

## A ESCRITA COSMOPOLITA DE ALEXANDRE HERCULANO: ECLETISMO E INTERPRETAÇÕES ROMÂNTICAS

Leonardo de Atayde Pereira<sup>21</sup>

**Resumo:** Alexandre Herculano foi um intelectual de interesses variados e que soube captar toda a efervescência histórica europeia do século XIX, como a expansão do movimento liberal e do pensamento romântico. Sua produção, formada por trabalhos de cunho jornalístico, literário e historiográfico, revela uma intensa preocupação com os rumos políticos e culturais de Portugal e traça uma unidade temática que tem o “historicismo romântico” como eixo principal e revelador do ecletismo de ideias presentes no pensamento de Herculano. Tanto o “historicismo romântico”, quanto a constatação de um vasto cabedal de vertentes teóricas, advindas do diálogo com o trabalho e as ideias dos mais diversos autores liberais e românticos da Europa, ajudaram a moldar a visão de mundo de Herculano. Pensando nessa unidade temática, no ecletismo de ideias e na presença condicionante do “historicismo romântico” da obra de Herculano, há como situar o autor dentro de um contexto intelectual liberal e romântico, e identificar, dentro das possibilidades de um artigo, as possíveis linhas teóricas, filosóficas e historiográficas, presentes no romance histórico *Eurico, o presbítero*, de 1843, tomando como referências o seu famoso escrito *Cartas sobre a História de Portugal*, de 1842, e a introdução da *Historia de Portugal*, de 1846.

**Palavras-chave:** Romantismo – Historicismo – Alexandre Herculano

**Abstract:** Alexandre Herculano was an intellectual of varied interests and who knew how to capture the entire historical European effervescence of the 19th century, as the expansion of liberal movement and romantic thought. Its production, formed by works of journalistic, literary and historiographical slant, reveals an intense concern with the political and cultural direction of Portugal and traces a thematic unit that has the "romantic Historicism" as main axis and revealing of the eclecticism of ideas present in the thought of Herculano. Both the "romantic Historicism", as the finding of a vast wealth of theoretical strands, arising from dialogue with the work and the ideas of several liberal and romantic authors of Europe, helped shape the worldview of Herculano. Thinking in this thematic unit on the eclecticism of ideas and in the presence of romantic Historicism "etching of Herculano, as situate the author within a liberal intellectual and romantic context, and identify, within the possibilities of an article, the possible theoretical, philosophical and historical lines, present in the historical novel *Euric, the presbyter*, 1843, taking as references his famous writing *Letters about the history of Portugal*, in 1842, and the introduction of the *History of Portugal*, in 1846.

**Keywords:** Romanticism – Historicism – Alexandre Herculano

### O historicismo de Herculano – Erudição e Imaginação:

Alexandre Herculano, tanto em seus escritos literários quanto historiográficos, determinava para si uma missão de perscrutador do passado nacional, com o intuito

---

<sup>21</sup> Doutorando em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).



maior de revelar os pilares fundadores do “espírito do povo” português como fonte de inspiração para uma nova etapa da nação portuguesa. A transformação da literatura, para ele, era vista como substrato imprescindível para um completo despertar do povo português, iniciado pela atitude revolucionária da luta contra o Absolutismo monárquico de D.Miguel.

Para Herculano a renovação do povo português passava, indubitavelmente, pelo conhecimento do passado, definindo desse modo, a vertente romântica de seu pensamento, já que para o movimento romântico, de um modo geral, o passado era o local da busca do sentimento de comunidade e da origem do “espírito do povo”.

Ideia que fica clara nas próprias palavras de Herculano, ao definir a importância do estudo do passado:

Ha neste falar das recordações de avós o que quer que é saudoso e sancto, porque a história pátria é como uma destas conversações d’ao pé do lar em que a família, quando se acha só, recorda as memórias do pae e da mãe que já não são, de antepassados e parentes que mal conheceu. Mais saboroso pasto d’espírito que esse não há talvez, porque em taes lembranças alarga-se o âmbito dos nossos affectos; com ellas povoamos a casa de mais entes para amarmos; explicamos pelos caracteres e inclinações dos mortos, os caracteres e inclinações dos que vivem; os habita actuaes pelos habitos e costumes dos nossos velhos [...]. As recordações da terra da pátria não são, porém, mais que as memórias de uma numerosa família. (HERCULANO, 1842, p. 34 e 35).

Do mesmo modo que o trecho da *Carta I*, presente no escrito *Cartas sobre a História de Portugal*, enfatiza uma imagem do passado como local de diálogo afetivo e alargamento dos horizontes de comunidade do povo português, os romances históricos de Herculano também buscam resgatar uma imagem histórica similar e que segue, do mesmo modo, uma visão de mundo romântica.

Para Herculano, a questão sobre a importância do romance histórico é amparada pelo tema da empatia com a História, ou seja, só conhecendo o “espírito” nacional por trás dos monumentos e das crônicas do passado, o leitor ou o cidadão português pode estabelecer um contato mais afetivo com a pátria, pensada como comunidade nacional.

Sobre a posição que o romance histórico deveria ocupar entre suas reflexões históricas, Herculano diz:

Quando o caracter dos indivíduos ou das nações é suficientemente conhecido, quando os monumentos e as tradições, e as chronicas desenharam esse caracter com pincel firme, o novelleiro póde ser mais verídico do que o historiador; porque está mais habituado a recompor o coração do que é morto pelo coração do que vive, o gênio do povo passou pelo do povo que passa. Então de um dicto, ou de muitos dictos elle deduz um pensamento ou muitos pensamentos, não reduzidos á lembrança positiva, não traduzidos, até materialmente; de um factos ou de muitos factos deduz um affecto ou muitos affectos, que se não revelaram. Esta é a história íntima dos homens que já não



são: esta é a novella do passado. Quem sabe fazer isto chama-se Scott, Hugo, ou De Vigny, e vale mais, e conta mais verdades, que boa meia-dúzia de bons historiadores. (HERCULANO apud MARINHO, 1999, p.16).

No trecho citado acima, Herculano mostra a importância dos romances históricos de Scott e Hugo como escritos que ensinam mais que de “bons historiadores”, porque estão mais acostumados a “recompor o coração do que é morto pelo coração do que vive, o gênio do povo que passou pelo do povo que passa”, ou seja, apesar de citar os romances históricos mais lidos e conhecidos em Portugal como modelo condutor de traços e temas literários ligados ao “Sturm und Drang”, como as idéias de “espírito de povo” e de “gênio”.

Dentro da visão histórica de Herculano, o ponto de destaque do romance histórico é absorver o “espírito” da comunidade nacional, o que ela possui de mais íntimo e intrínseco, e revelar para os homens a verdade, não a “verdade histórica”, mas aquela que conduziria a um conhecimento dos valores coletivos do corpo social e que romperia deste modo, o isolamento dos homens motivados pelo *thelos* da sociedade burguesa/capitalista. Com a essência do “espírito” da “numerosa família” revelada, a pátria portuguesa poderia ir para uma nova fase de integração e comunhão total.

No bojo dessas considerações podemos dizer que a narrativa, tanto a literária, quanto a estritamente histórica, formavam, dentro das concepções românticas de Alexandre Herculano, um todo coeso e complementar. De um lado encontramos o historiador atento aos caminhos metodológicos e analíticos de seus documentos e do outro o romancista preocupado em revelar o íntimo, a essência histórica do “espírito” do povo português, trabalhos formulados de diferentes formas, mas que comungam uma visão única sobre a História.

As suas concepções de história social e história literária entrosam-se, como se comunicam a sua teoria histórica e a sua teoria estética, a sua escrita da história e a escrita da novela histórica, da poesia e do panfleto, e se implicam o seu ideal de arte e de nação, ética e estética, na busca e afirmação do princípio de uma nacionalidade artística. (PEREIRA, 1997, p. 224).

Os romances históricos de Herculano possuem a presença de personagens históricos reais agindo na trama com personagens fictícios, reconstituições detalhadas de costumes e instituições do passado português e, assim como seus trabalhos historiográficos, contam com toda a sua erudição. Desse modo, mesmo com o epíteto de “narrativas ficcionais”, esses romances históricos, numa análise mais cuidadosa, podem figurar com igual importância dentro dos julgamentos acerca das reflexões e do sentido que o conhecimento histórico era captado pelo historiador Alexandre Herculano.



Finalmente, passando por alto vários aspectos, Herculano deixou assinalado na novelística o seu interesse pelos estudos históricos e toda uma concepção da história. Os seus diversos romances abarcam o conjunto da Idade Média portuguesa, a cuja investigação se consagrou especialmente: no Eurico, no Alcaide de Santarém, o domínio árabe; na Dama Pé de Cabra, a época da Reconquista; no Bobo, a formação da nacionalidade; em Arras por Foro de Espanha, n' O Monge de Cister, na Abóbada, a crise que marca o advento da centralização régia (SARAIVA; LOPES, 1975, p.794).

De acordo com B. Capelo Pereira dentro do estudo da obra de Herculano há de se buscar uma unidade:

Compósita, dela ressalta uma profunda unidade, como tem vindo a ser sublinhado por estudiosos dos diferentes domínios: o poeta igualmente se revela na sua produção em verso como na sua obra em prosa; [...], o registro profético e visionário anima tanto a sua poesia como a novela histórica ou os seus textos de intervenção; os princípios da individualidade, da variedade e da liberdade são constitutivos da sua inteligibilidade da Idade Média, e portanto da sua teoria da história, como são constitutivos da sua teoria estética e sustentam a sua ficção; [...]. (PEREIRA, 1997, p. 224).

A partir das opiniões de Herculano sobre os romances históricos e seus julgamentos sobre Walter Scott e Victor Hugo, e o lugar que esse tipo de narrativa ocupou na sua produção textual, podemos considerar esse gênero dentro do debate historiográfico do autor. Na visão do pesquisador José Américo Miranda: “Tanto maior será o historiador quanto maior for a sua capacidade de convencimento, o que se relaciona diretamente com a capacidade de recriação e/ou interpretação das épocas a cujo estudo se dedica”. (MIRANDA, 2000, p. 23)

De acordo com o pesquisador Paulo Motta de Oliveira, o próprio Alexandre Herculano põe em dúvida a distinção entre o papel do historiador e do romancista no que diz respeito ao método de interpretar e apresentar os fatos históricos, reportando-se a um trecho do romance histórico *O Bobo* (1843):

Mas porque não procuraram os vencidos (partidários de D.Teresa) amparar-se dentro dos fortes muros e torres do Castelo de Guimarães? É o que não nos diz a história. Pouco importa: di-lo-emos nós. A história não conheceu Dom Bibas, e Dom Bibas, muito em segredo o revelamos aqui aos leitores, nos oferece a chave deste mistério. O bobo, tornara impossível semelhante arbítrio, e porventura ajudava a descer do céu a benção que cobriu as armas de Afonso Henriques. [...]. O tom irônico que o narrador aqui assume, parece-nos, apenas encobre o que todo o romance parece indicar: a recuperação do passado, feita de fragmentos, diferentemente do que considerava Aristóteles, não recupera o que aconteceu, mas apenas a face visível, e por vezes falsa, do que ocorreu. Apenas através da imaginação é que seria possível recuperar aquilo que, sem ela, estaria perdido nos desvãos do passado. (OLIVEIRA, 2000, p. 148).

No bojo dessa questão podemos afirmar que também, de acordo com Castelo Branco Chaves e Fernando Catroga, Herculano na época do “Panorama”, periódico da



publicação de suas narrativas e romances históricos, encarava o conhecimento histórico como algo explorado de maneira convergente tanto nas suas obras historiográficas quanto na sua produção literária

Para refletir sobre o ofício do historiador, que deve saber ler nas entrelinhas dos documentos e usar a “imaginação” para revelar apenas interpretações sobre um fato histórico, Herculano se utilizou da astúcia narrativa de um romance histórico, mostrando o potencial reflexivo de suas “narrativas ficcionais”.

Mesmo influenciado pelo “historismo” da Escola Histórica alemã, por um rigor científico analítico, Herculano não conseguiu escapar de uma análise histórica típica do “historicismo romântico”, que levava em consideração o poder da imaginação na reconstrução narrativa histórica.

Os “historiadores românticos” podem ser distribuídos ao longo de um eixo que corresponde ao seu comprometimento maior ou menor com a erudição documental. Infensos aos rigores empíricos positivistas, tais historiadores se servem, indiferentemente, de fontes primárias e secundárias e só raramente revelam preocupações críticas em relação a elas. Em geral, estão convencidos de que o elemento-chave é o próprio historiador. Cabe a ele, com sua intuição e imaginação, “recriar o passado” tal com este “realmente existiu”: vivo e, sobretudo, humano. Daí a importância que atribuem às motivações e intuições dos indivíduos históricos, aos sentimentos, anseios e manifestações individuais e coletivos (populares), ainda que mágicos ou fantásticos. A verdade histórica, nesse caso, não remete apenas a evidências empíricas, mas sim à persuasão retórica do historiador, à sua capacidade de fazer do leitor crer na verossimilhança dos acontecimentos por ele narrados. Historiar é uma arte, e a história é um gênero literário cujo cerne é a sensação de ilusão de realidade que o texto é capaz de criar e transmitir ao leitor. (FALCON, 2002, p. 36).

Confirmando as palavras de Francisco Falcon, o próprio Herculano, no *Monge de Cister*, ironiza a busca por uma verdade absoluta atribuída aos documentos, que no seu julgamento, devem ser minuciosamente analisados ao lado de um esforço “imaginativo” de interpretação histórica.

Numa folha deixada em branco no fim do códice pergamináceo que nos conservou esta história havia vários parágrafos de letra mais moderna, contendo notícias de alguns dos personagens que figuravam nos acontecimentos até aqui relatados, personagens cujo ulterior destino o cronista antigo deixara de pôr em escritura. A letra parecia dos últimos anos do século XVI, quando os adeptos da escola de Brito e Lousada tomavam por seu desafogo o povoar de patranhas as solidões do passado. O moderno dos caracteres e a época embusteira em que essas adições haviam sido acrescentadas tornavam assaz duvidosa a sua autenticidade. Então o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exatidão histórica, hesitávamos perplexos, como o asno de Buridam entre as duas taleigas de cevada. Enfim, resolvemo-nos a publicar em substância o conteúdo dos suspeitos parágrafos, com o protesto de que não respondemos pela sua veracidade. (HERCULANO, 1848, p. 328).



## **Eurico, O Presbítero – A História e “o fogo das paixões”**

Os três romances históricos de Herculano foram concebidos e publicados, inicialmente, no *Panorama* e na *Revista Universal Lisbonense*, durante a década de 40, mas o primeiro a sair em volume foi o *Eurico, O Presbítero*, em 1844. Em seguida temos o *Monge de Cister*, em 1848, que juntamente com o *Eurico* formam o *Monasticon*, e postumamente, *O Bobo*, em 1878.

Assim como as histórias coletadas no livro *Lendas e Narrativas*, de 1851, Herculano desenvolveu um amplo panorama de reflexões estéticas e históricas com seus inúmeros personagens. Os principais temas românticos do “gênio”, do sacrifício e da permanente presença do Absoluto no devir histórico foram reconfigurados por Herculano na sua proposta histórica romântica dentro de suas narrativas históricas. “As principais personagens dos romances de Herculano são como que encarnações, dotadas de forças sobre-humanas, anjos ou demônios, consagrados a uma obra de maldição ou de santificação”. (SARAIVA; LOPES, 1975, p. 793).

As obras de “maldição” ou de “santificação” promovidas pelas personagens de Herculano são frutos de intempestivas paixões, como vingança e amor. Desse modo, assumindo uma postura apaixonada diante do mundo, essas personagens deixam de ser simples homens e passam a ser instrumentos do devir histórico.

Algumas personagens de Herculano, como Egas Moniz e Garcia Bermudes, do romance histórico *O Bobo*, são os representantes de uma heróica época medieval, em que os cavaleiros herdaram a disposição de espírito da era gloriosa dos Visigodos, após a conversão ao cristianismo e antes da invasão da península ibérica pelos árabes. Já Vasco, do romance histórico *O Monge de Cister*, representa a decadência dos ideais da cavalaria e acaba vítima dos costumes e vícios da nobreza cortesã.

Em contrapartida, Eurico, herdeiro direto da época heróica dos Visigodos na Península, mesmo vivendo numa época decadente, não é molestado pelos vícios do seu tempo, é apresentado por Herculano como um ser de exceção, um verdadeiro semideus vivendo entre os homens. “O período visigótico deve ser para nós como os tempos homéricos da Península” (HERCULANO, 1843, p.12).

*Eurico*, a narrativa do presbítero godo, surge como uma tentativa de estruturar a forma do romance em Portugal, baseada numa perspectiva da literatura européia do período (narrativas de acontecimentos históricos, romances epistolares e de reflexão interior e a experiência da estética do fragmento do romantismo alemão). Por esses motivos, o romance em questão, que possui uma forma e um acabamento indefinido, pode ser encarado como a concretização dos ideais de Herculano, presentes no *Repositório Literário*, de renovação da cultura portuguesa a partir de uma literatura de



fundo histórico e que faz uma crítica velada à moralidade pública e aos costumes modernos, num diálogo entre passado e presente.

Mesmo criticando o celibato, um dogma ligado a uma “irremediável solidão da alma”, como deixa claro Herculano no Prólogo, o romance é todo centrado na idéia de Cristianismo, entendido como mensagem de liberdade, fraternidade e sacrifício, e como condutor do devir histórico, travando um profícuo diálogo com as concepções de filosofia da história do período.

O plano histórico da narrativa se passa no século VIII no contexto das guerras de invasão dos árabes na Península Ibérica, ou seja, antes da formação da nação portuguesa. Os visigodos, oriundos das tribos germânicas, e conquistadores do território ibérico pertencente aos romanos, são os representantes do cristianismo e da civilização ocidental, porém, apresentados ao leitor como um povo decaído moralmente e corrupto, antecipando as razões porque alguns visigodos irão se aliar aos inimigos islâmicos em troca de riquezas. Situação que tem o intuito de traçar um paralelo com a questão da decadência moral e política de Portugal causada pelas guerras liberais e pela ideologia burguesa/capitalista.

No entanto, ao largo dessa atmosfera de decadência e artificialidade das relações sociais, o “espírito do povo” godo continua preservado em alguns homens, representantes de uma índole pura e de um sentimento de permuta entre a natureza (terra) e a comunidade (leis).

No meio, porém, da decadência dos godos, algumas almas conservavam ainda a têmpera robusta dos antigos homens da Germânia. Da civilização romana elas não haviam aceitado senão a cultura intelectual e as sublimes teorias morais do cristianismo. As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinha nascido para os godos logo que, assentando o seu domínio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos o campo agricultado, o lar doméstico, o templo da oração e o cemitério do repouso e da saudade. Nestes corações, onde reinavam afetos ao mesmo tempo ardentes e profundos, porque neles a índole meridional se misturava com o caráter tenaz dos povos do norte, a moral evangélica revestia esses afetos de uma poesia divina, e a civilização ornava-os de uma expressão suave, que lhes realçava a poesia. (HERCULANO, 1843, p. 14).

O trecho citado acima vai de encontro à visão de mundo romântica propagada sob o viés das temáticas do “Sturm und Drang” e do Romantismo alemão, como a idéia de “espírito de povo” como constituinte da gênese e da identidade da nacionalidade e de poesia como símbolo de comunhão do particular (“terra”/ “lar doméstico”/ “templo da oração”) e do universal (“virtudes civis”/ “amor da pátria”).

Um movimento histórico pode ser identificado na passagem da civilização romana para a civilização germânica visigótica, que tem sua gênese identificada com uma tradição pagã e “bárbara”, mas mesmo assim, dotada de um “espírito” pulsante e



nobre, e que absorve a parcela mais importante e significativa da civilização romana: a cultura e o cristianismo.

Os visigodos, posto que os mais civilizados entre os povos germano-góticos, conservaram por algum tempo nas suas instituições a linha divisória entre si e os romanos. Por fim essa linha obliterou-se. Facilitados os consórcios entre as duas raças, sujeitos todos os membros da sociedade às leis de um código único, e anuladas as distinções do direito gótico e romano, os habitantes da Península debaixo do nome de godos constituíam, ao menos nas exterioridades, uma só nação quando a conquista árabe veio confundir ainda mais, se era possível, aquela mistura inextricável de homens de muitas e diversas origens. (HERCULANO, 1843, p. 45).

Assim como a civilização romana entrou em decadência e precisou ser superada, mas com a preservação de algumas características essenciais para a etapa histórica seguinte, a civilização germânica visigótica cristã, também entra num estado de decadência e prepara a sua iminente derrocada.

Sobre a questão da decadência da civilização romana e a preservação de algumas características de sua cultura, um sentido de História baseado em fases de desenvolvimento e dependente dos desígnios da Providência também pode ser identificado na Introdução da História de Portugal, de 1846, de Herculano.

Grandes historiadores têm desenhado o sombrio e imenso quadro da dissolução do império dos césares. Este resumia toda a civilização antiga; resumia-a e continha-a em si. Essa dissolução havia acabado a tarefa que a Providência lhe destinara na obra do progresso humano. O cristianismo aprofundara já as raízes na terra, vicejava aspergido com o sangue dos mártires, abrigava as sociedades com a sua vasta sombra e, tomando os membros desse caráter gigante que se desconjuntava, já preparando cada um deles para o converter num corpo social cheio de mocidade e de vida [...]. As legiões, a política dos imperadores e a majestade do nome romano serviram por algum tempo de dique à invasão. Fora, porém, Deus que soltara a torrente. Era a luta sublime a da civilização contra a barbaria; mas esta rompeu as barreiras. As hostes e as tribos selvagens do norte arrojavam-se por cima do império: a vaga seguia à vaga. Daquele grande cataclismo nasceram as nações modernas. (HERCULANO, 1843, p. 44).

Nessa análise nos aproximamos de um esboço de sentido de História ligado à imagem de uma “espiral”, em que a mudança histórica ocorre na preservação de alguns pontos do “espírito do povo” que foi superado como presença (fenômeno) histórica, ou seja, transformando a permanência do caráter íntimo do povo em substrato para a mudança, para a superação histórica.

Sentido de história próximo ao pensamento histórico alemão, na tradição de Herder, onde Hegel definiu de maneira mais estruturada os postulados principais:





Hegel pusera, enfim, o problema do processo pelo qual se realiza esse progresso, esboçara uma teoria da dinâmica histórica, fundada na dialéctica da contradição. O progresso realizar-se-ia por afirmações, contradições e resoluções das contradições; e a sucessão das fases da história da civilização é a materialidade objectiva de uma dialéctica; de uma fase para outra há um nexu lógico. Chega-se assim à noção de uma “lógica da história”, que se objectiva nos factos. (SARAIVA, 1977, p. 242).

Ideia corroborada por Herculano na *Carta V* das *Cartas sobre a História de Portugal*:

Se houve uma grande mudança na existência política de um povo, o caracter da geração que foi educada pelas antigas instituições e antigos costumes e que assistiu a essa transformação, poderá ser modificado por ella, mas conservará sempre os principaes lineamentos que lhe imprimiram as formulas sociaes que passaram. (HERCULANO, 1842, p. 138).

Ou num trecho da *Carta I* que ressalta a importância de estudar o passado português: “Na disposição daquelles tenros annos devem-se-lhe achar já os annuncios do vigor da juventude e da idade viril” (HERCULANO, 1842, p. 40).

Os temas centrais do romance analisado de Herculano giram em torno do amor desiludido de Eurico por Hermengarda, motivo causador da escolha do personagem pela vida sacerdotal e pelo celibato, e da invasão dos árabes na Península Ibérica, que servem como elemento analítico desencadeador para a recriação dos costumes do período e para pontuar os aspectos positivos e negativos da gênese do “espírito do povo” português.

Eurico, ao mesmo tempo, poeta, homem apaixonado e guerreiro representa a idéia de cavaleiro medieval idealizado pelo Romantismo e figura no romance como herói, ou “gênio” romântico. Seu comportamento e suas atitudes, mesmo que superficialmente ligados à paixão por Hermengarda, revelam uma substância maior, uma relação com o “espírito do povo”, numa identificação da paixão individual (interesses pessoais) com o destino do povo (aspirações mais sinceras, escondidas, no âmbito da decrepitude social, política e cultural).

A decadência da sociedade visigótica, apresentada de uma forma mais acentuada com a invasão árabe, impede a realização do verdadeiro destino do povo e Eurico, através de sua alma sensível e agindo intempestivamente, serve de instrumento para a floração dos desejos da parte mais nobre da sociedade visigótica, ocidental e cristã.

Eurico, antes de ser presbítero em Cárteia, foi um valoroso guerreiro da corte de Vítiza, e amigo de Teodomiro, ambos preocupados com a glória das armas e em cumprir as ordens de seu rei. Até um dia em que nosso personagem é enviado à região da Cantábria, para desbaratar uma rebelião dos montanhese da Vascônia aliados dos francos, e conhece sua amada Hermengarda.



A primeira parte do romance apresenta as inquietações, as angústias mais secretas e as confissões do presbítero de Cartéia, situação impulsionada pela recusa do duque de Cantábria, Favila, pai de Hermengarda, em aceitar o amor de Eurico pela jovem donzela. Eurico é apresentado como um solitário, que prefere caminhar sob a escuridão da noite a viver próximo dos homens, um poeta em comunhão com a natureza e em busca de um sentido para sua existência, ou seja, um personagem romântico que caberia em qualquer obra do “Sturm und Drang” ou do Romantismo alemão.

O povo rude de Cartéia não podia entender esta visão de exceção, porque não percebia que a inteligência do poeta precisa viver num mundo mais amplo do que esse a que a sociedade traçou tão mesquinhos limites. (HERCULANO, 1843, p. 19).

A expressão “visão de exceção” citada para caracterizar Eurico, também pode ser usada, na mesma proporção, para todas as personagens românticas. A visão de mundo de Eurico foge daquela esperada pela lógica da realidade ao seu redor, e repousa na utopia da comunhão dos cristãos num novo tempo.

De acordo com a ótica romântica, a nostalgia e, em certo sentido, a espera de uma etapa histórica superior para as relações humanas, nascem porque:

[...] no real moderno, algo de precioso foi perdido, simultaneamente, ao nível do indivíduo e da humanidade. A visão romântica é caracterizada pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais que foram alienados. (LOWY; SAYRE, 1995, p.40).

Mesmo afastado dos homens por razões de espírito e de entendimento do mundo, Eurico quer retomar “aquilo de precioso que foi perdido” e resgatar a sociedade da decadência moral que se adentrou e ajudar na tarefa de recondução da humanidade ao caminho do espírito do Cristianismo, finalidade última no destino humano, num resgate da temática religiosa do “Pároco da Aldeia”.

Mas Eurico era como um anjo tutelar dos amargurados. Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar onde a aflição se assentava; nunca os seus olhos recusaram lágrimas que se misturassem com lágrimas alheias desventuras. Servo ou homem livre, liberto ou patrono, para ele todos eram filhos. [...] Eurico percebera, enfim, claramente que o cristianismo se resume em uma palavra – fraternidade. Sabia que o evangelho é um protesto, ditado por Deus para os séculos, contra as vãs distinções que a força e o orgulho radicaram neste mundo de lodo, de opressão e de sangue; sabia que a única nobreza é a dos corações e dos sentimentos que buscam erguer-se para as alturas do céu, mas que essa superioridade real é exteriormente humilde e singela. (HERCULANO, 1843, p.19).

Inúmeras passagens do romance são ilustradas com descrições da natureza, presentes nas cartas de Eurico, que mostram uma similaridade, bem ao gosto da estética



romântica, com os sentimentos e o universo interior da personagem central. Uma natureza vivaz e fora da relação utilitarista traçada pela sociedade capitalista burguesa, uma força pulsante e reencantada se faz notar em todos os momentos de desvendamento da alma de Eurico.

A natureza e a noite, locais encarados pelos românticos como espaços de sonhos e de fantasias que se opõem aos interesses mesquinhos e egoístas dos homens, são apresentados como forças análogas aos sentimentos humanos e, desse modo, uma opção estética para universalizar a voz interior dos personagens românticos.

Por que te havia eu de amar, ó sol, se tu és o inimigo dos sonhos do imaginar; se tu nos chama à realidade, e a realidade é tão triste? Pela escuridão da noite, nos lugares ermos e às horas mortas do alto silêncio, a fantasia do homem é mais ardente e robusta. (HERCULANO, 1843, p. 29).

O crítico Benedito Nunes definiu bem essa intrínseca relação de dependência do homem romântico e da Natureza, e que o humano torna-se representação autêntica do Espírito ao desvendar uma “intuição panteísta” ou “unidade primordial” no mundo real e a Natureza transforma-se em manifestação de Deus.

Para o poeta romântico, as formas naturais com que ele dialoga, e que falam à sua alma, falam-lhe de alguma outra coisa; falam-lhe do elemento espiritual que se traduz nas coisas, ao mesmo tempo signos visíveis e obras sensíveis, atestando, de maneira eloquente, a existência onipresente do invisível e do supra-sensível. A Natureza transforma-se numa teofania. Os bosques, as florestas, o vento, os rios, o amanhecer e o anoitecer, os ruídos, os murmúrios, as sombras, as luzes – de tudo o que não é humano e se constitui em espetáculo para o homem. (NUNES, 1978, p. 65).

O Romantismo, como crítica à da modernidade capitalista, pode ser identificado, igualmente, no romance histórico de Herculano. Todo o movimento de isolamento, de recusa aos valores sociais e de melancolia, a “tempestade interna” de Eurico, foi desencadeada por uma típica recusa burguesa. O pai de Hermengarda, Favila, não aceita a união dos dois amantes, por preferir um partido mais rico, poderoso e da mesma condição social para a filha, ou seja, julga Eurico pela sua condição material e não por seus valores morais de guerreiro e de homem sensível, fazendo com que nosso personagem reprima sua paixão e opte pela vida monástica.

Mesmo arrasado pelo amor rejeitado e melancólico, Eurico cumpre o seu papel de “gênio”, de homem de exceção, e em sonho prevê a invasão e a conquista dos árabes na Península, revelando ainda mais a presença da idéia de devir histórico de Herculano na narrativa.

Senhor, Senhor! Foste tu que deste a ler à minha alma a última página do livro eterno em que a Providência escreveu a história do império godo?



Contam-se coisas incríveis desses povos que assolam a África, chamados os árabes, e que, em nome de uma crença nova, pretendem apagar na terra os vestígios da cruz. Quem sabe se aos árabes foi confiado o castigo desta nação corrupta?

Já as nossas praias foram visitadas por eles, e para os repelir cumpriu que desembainhasse a espada o ilustre Teodomiro, o último guerreiro, talvez, que mereça o nome de neto dos godos.

Terra em que nasci, se o teu dia de morrer é chegado, eu morrerei contigo. (HERCULANO, 1843, p. 37).

Com o anúncio da guerra iminente, Eurico torna-se o antigo guerreiro da corte de Vítiza, potencializado pela dor do claustro e da melancolia.

Não, eu não quero a glória inútil e ininteligível hoje para mim. Não, eu não quero o mando e o poderio, porque já não sei para o que eles prestam. Como o febricitante em dia ardente de estio, que aspira a brisa da tarde, a qual não pode sará-lo, mas que refrigera por momentos o ardor de sangue, assim eu ainda me deixo afagar pela idéia de me atirar ao maior fervor das batalhas pelejadas em nome da pátria. Esse delírio dos perigos; essa loucura que o cheiro de sangue produz é um respiradouro por onde resfolegará a indignação e a cólera entesourada por anos neste coração. (HERCULANO, 1843, p. 46).

A segunda parte do romance é pautada pela luta da resistência visigótica contra os invasores árabes, com descrições detalhadas de batalhas e dos costumes dos dois povos inimigos, revelando aspectos positivos e negativos dos visigodos e dos seus oponentes, como a traição de Juliano e do bispo Opas e a coragem de Pelágio, irmão de Hermengarda e líder da resistência de Covadonga.

A Batalha do Críssus, no Calpe, que definiu a bem sucedida invasão árabe na Península, é descrita minuciosamente por Herculano, onde desfilam personagens históricos reais e fictícios, tanto do lado visigótico quanto árabe. Teodomiro, Pelágio e Roderico combatiam ao lado do Cavaleiro Negro contra as forças árabes de Tarik e Muguite e contra os traidores Juliano, Opas, o bispo de Híspalis e os filhos de Vítiza, Sisebuto e Ebas.

Momento histórico também caracterizado na obra *História de Portugal*:

Musa Ibn Nosseyr, nomeado amir de África pelo califa de Damasco (702), soube atrair a maior parte deles ao islamismo e pacificá-los. Septum, a moderna Ceuta, com o território vizinho era desde o tempo dos romanos uma dependência da Espanha, e os visigodos haviam-na conservado unida à monarquia. O amir tentara apossar-se daquela cidade, mas fora repellido pelo conde Juliano que a governava em nome de Witiza. Daí a pouco este foi derrubado do trono, segundo parece por uma conspiração, na qual entrava Ruderico ou Rodrigo que lhe sucedeu (709). Witiza deixava dois filhos que procuraram, ou pública ou secretamente, arrancar a coroa àquele que consideravam como usurpador. Juliano associou-se a esta nova conjuntura e solicitou os socorros de Musa, abrindo-lhe as portas de Ceuta e incitando-o a enviar uma expedição à Península. [...] o amir enviou um exército de doze mil homens composto em grande parte de africanos e capitaneado por Tarik



Ibn Zeyad, seu lugar-tenente no governo do Moghreb (Mauritânia). Juliano acompanhava os muçulmanos, e a expedição aportando nas raízes do Calpe, esperou, fortificando-se ali, os reforços que brevemente lhe chegaram. [...] Pouco tardou o general muçulmano a entranhar-se na Península, e enquanto Ruderico ajuntava forças para se lhe opôr ele assolava as províncias do sul desbaratando as partidas de godos que intentavam obstar às suas correrias. Afinal os dois exércitos encontraram-se nas margens do Chryssus ou Guadalete. Deu-se uma batalha, à cerca de cujas circunstâncias se lêem nos historiadores árabes e cristãos as narrações mais encontradas. É, porém, indubitável que esta jornada foi decisiva e que nela se fez em pedaços o império visigótico. Os godos ficaram completamente destroçados, e Ruderico, segundo parece, pereceu no conflito. (HERCULANO, 1846, pp. 63 e 64).

Os temas da paixão, do herói e do sacrifício aparecem em todo o romance, mas é na segunda parte que ganham maior destaque e relevância na relação com as premissas estéticas do “Sturm und Drang” e do Romantismo alemão.

A paixão de Eurico, entendida num sentido mais amplo de comunicação com o “espírito do povo”, revela-se na figura do cavaleiro negro, guerreiro impiedoso e que luta como uma verdadeira força da natureza, e exemplo de bravura para a resistência goda, que nos momentos de fraqueza e perigo, deixa ser guiada pela fúria misteriosa do cavaleiro negro.

O cavaleiro negro é apresentado para os leitores como um símbolo de paixão particular do herói, como aquele que deseja o bem de sua comunidade e de sua bem amada, e de paixão universal, concentrando os anseios do povo, a parte mais nobre e verdadeira da decaída sociedade cristã visigótica. O cavaleiro negro, durante toda a guerra, não mostra sua identidade, porque deve ser confundido com qualquer um, deve representar o todo, natureza e comunidade, o último alento do “espírito do povo” godo.

Para Herculano, o tema da liberdade do indivíduo, máxima niveladora de toda ação política, ganha contornos simbólicos na figura do cavaleiro negro, que luta para garantir a autonomia política e espiritual de tudo aquilo representado pelo povo godo, a civilização ocidental e o cristianismo. Desse modo, podemos relacionar o culto da paixão, em toda sua dimensão e profundidade, com o culto da liberdade política, defendida em toda a vida pública de Herculano, representante ímpar do pensamento liberal português.

A importância da ação dos indivíduos dentro dos rumos dos acontecimentos históricos também pode ser relacionada a Pelágio, irmão de Hermengarda, e Teodomiro, amigo de Eurico. Tanto um quanto o outro simbolizaram a tentativa de resistência dos visigodos diante dos árabes, já num segundo momento da invasão, em que os inimigos foram comandados por Abdu-l-aziz, filho do amir Musa.



A figura de Teodomiro é ressaltada na *História de Portugal*, e também lembrada no romance, mas Eurico, símbolo máximo da paixão e do irracionalismo romântico, condena, veementemente, a atitude do amigo por esse ter estabelecido um acordo de paz com os árabes.

Foi porque eu o cria um anjo de virtude e esforço, e ele era apenas um homem! Foi porque a paz que pactuou com os muçulmanos, honrosa aos olhos do vulgo, era, a meus olhos infâmia. Paz com o infiel? Ao cristão só cabe fazê-la quando dormir ao lado dele sono perpétuo no campo de batalha; quando, ao lado um do outro, esperarem ambos que as aves do céu venham banquetear-se em seus cadáveres. [...]. Nesse momento algumas lágrimas correram destes olhos; porque a alma de Teodomiro era a última em que morava um afeto que respondesse aos meus: era o último templo em que me sorria a esperança!. (HERCULANO, 1843, p. 87).

Já Pelágio, líder da resistência goda em Covadonga, que tem uma provável origem histórica não condizente fielmente com o romance, mas aproveitado por Herculano por representar a luta contra o invasor árabe, é representado como um guerreiro corajoso e fiel aos velhos preceitos de honra dos guerreiros visigóticos. Valores renovados por uma imbatível disposição de espírito em prol da luta pela liberdade.

Poucos o haviam seguido naquela vida quase selvagem: mas esses poucos eram homens a quem a aura da liberdade parecia a única atmosfera em que os pulmões robustos poderiam resfolegar; homens a cujos olhos as afrontas da cruz derribada do cimo das catedrais seria espetáculo incrível e insuportável. Uma caverna servia de paço ao jovem rei das montanhas e de templo ao Crucificado. Os domínios de Pelágio eram as serranias e os vales profundos onde, porventura, até então nunca soara a voz humana. [...]. Às vezes, Pelágio e os seus soldados desciam das montanhas para largas correrias, semelhantes à tempestade noturna, e, como a tempestade, passavam pelas tendas dos árabes ou pelas aldeias, despovoadas de cristãos, onde os infiéis começavam a fazer assento. (HERCULANO, 1843, p. 82).

Após a batalha de Críssus, Eurico, como cavaleiro negro e símbolo da liberdade individual romântica, se junta a Pelágio para resgatar Hermengarda, aprisionada na invasão árabe no Mosteiro da Virgem Dolorosa e escolhida por Abdulaziz para ser uma de suas esposas, na tentativa final de vitória contra os invasores.

A ação do indivíduo, máxima do pensamento romântico de Herculano, e desse modo, tema central de seus romances históricos, é definida pelo pesquisador Jorge Borges de Macedo com estas palavras:

Na sua hermenêutica crítica, no pensamento político, na interpretação histórica e na narrativa romanesca, o colectivo e o abstrato são até factores susceptíveis de perturbar e enfraquecer o poder criador. Este reside essencialmente no acto pessoal. É o motor da História e das sociedades e até a sua justificação. As sociedades existem para “receber” o acto pessoal e dar-lhe sentido público. [...]. A sociedade, para Herculano, deve conceber-se – e



portanto preparar-se – com esse projecto: ela será tanto mais perfeita quanto melhor permitir a realização do homem. [...] Nunca poderá visar substituir a vida pessoal pela colectiva. (MACEDO, 1980, p. 25)

As duas temáticas do romance de Herculano, o culto da paixão e da liberdade, atos dependentes e norteadores do indivíduo, analisadas sob o viés do Romantismo, configuram-se para Max Weber, em sentenças relacionadas a uma “doação de si sem limites” que acaba se tornando “tão radical quanto possível em sua oposição a toda funcionalidade, racionalidade e generalidade” (WEBER apud LOWY; SAYRE, 1995, p. 43).

Seguindo nessa mesma ideia, podemos dizer que o personagem romântico Eurico é um apaixonado por essência, devido à defesa sem limites de sua individualidade que não consegue se realizar plenamente na sociedade visigótica moralmente decaída, por isso luta e se sacrifica, sem saber, em prol de uma nova etapa na formação de seu povo.

Eurico é o porta-voz da Providência, o “gênio” romântico, aquele que resgata o verdadeiro “espírito do povo” godo, e com seus exemplos e ações individuais, inspira novas gerações e conduz o devir histórico. Como o próprio cavaleiro negro deixa transparecer na sua conversa com Pelágio, pedindo para que ficasse em segurança em Covadonga e permitisse que ele salvasse Hermengarda dos árabes.

- Por minha boca falaram milhares de godos que gemem no cativeiro e que voltam de contínuo os olhos para os cerros das Astúrias, onde apenas fulgura tênue o santo fogo da liberdade: falaram por minha boca as aras do Senhor calcadas pelos pés dos pagãos, as imagens de Cristo derribadas no lodo, os muros enegrecidos das cidades incendiadas. É isto tudo que voz diz: - não saireis daqui! – Perguntas quem sou? Dir-to-ei. O último homem que, junto do Críssus, viu, combatendo, a face dos árabes vencedores, enquanto os valentes fugiam; o homem que tentou morrer com a pátria, e que a mão de Deus salvou para neste momento vos dizer: não saireis daqui! [...]. (HERCULANO, 1843,p. 91).

No bojo dessas questões, uma hipótese ligada à caracterização de Eurico, é seu papel de herói “histórico-universal” e “instrumento da História”, nas concepções da Filosofia de História de Hegel. Para o filósofo alemão, a tarefa do “herói” seria necessária nos momentos em que a civilização constituída por um povo entrasse num período de decadência e, ao mesmo tempo, de transição. Desse modo, o herói, subordinado aos costumes passaria a desempenhar, através de suas ações ou criações artísticas, o sentido de História de seu povo, motivado por razões individuais, mas impulsionado, de maneira oculta, pelos desígnios da Razão Absoluta.

Próxima à constatação do arcabouço romântico dos personagens de Herculano configura-se a seguinte idéia de Jorge Borges de Macedo:

Para Herculano todas as manifestações colectivas passam necessariamente pelos indivíduos que nelas participam. Ao mesmo tempo, o eco público da



acção individual tem maior ou menor receptividade, conforme a autenticidade e a violência do sentir pessoal e o relevo de quem executa: a sociedade é movida pelas vontades constantes, determinadas e fortes. São assim as figuras dos seus romances e novelas; são-no também os seus heróis históricos e a figuração política que toma por mais representativa. (MACEDO, 1980, p. 27).

O final do romance é centrado no episódio da salvação de Hermengarda e na batalha final de Eurico, o cavaleiro negro.

No momento que Abdulaziz perde a paciência com sua cativa e inicia uma atmosfera de tensão sexual com Hermengarda, surge o salvador, o cavaleiro negro.

No seu furor, o filho de Muça não sentira um rugido de cólera que respondera ao grito de Hermengarda, nem um ai passageiro e sumido, que, segundo era íntimo, parecia de homem a quem a ponta de um punhal rasgara subitamente o coração. Nas telas, porém, que dividiam o aposento do lugar de onde pouco antes saíra o eunuco e que ficavam fronteiras à entrada principal da tenda uma figura humana se estampou negra sobre o chão brilhante da tapeçaria. O amir, voltando casualmente os olhos, a viu. Crescia rápida. Escutou. Passos ligeiros soavam no vasto aposento. Voltou-se. Mas apenas pôde erguer o braço: vira reluzir no ar um ferro: vira um vulto coberto de armas semelhantes às dos cavaleiros de Açudane: sentiu um golpe que lhe partia o braço erguido e que, batendo-lhe ainda no crânio, lhe retumbava o cérebro. Deu um grito, fechou os olhos e caiu aos pés de Hermengarda, [...]. As palavras – “liberdade e Pelágio” – proferidas por ele, tinham calado como um bálsamo de vida no coração de Hermengarda. O desconhecido, tomando-a nos braços, atravessou ligeiro para o lado do arraial onde estanceavam os godos. (HERCULANO, 1843, p. 99).

Após revelar a sua dupla identidade, de cavaleiro negro e presbítero de Cartéia para sua amada, e depois de um breve momento de alegria vivida por Eurico e Hermengarda ao descobrirem que se amavam mutuamente, Hermengarda cai desfalecida por tomar conhecimento da impossibilidade da união com seu amado, e Eurico investe num ataque suicida contra os árabes. Nossa personagem morre infeliz, mas completa a missão de sua existência, ser símbolo do Infinito.

Ora, para além da morte como desfecho natural, o destino concreto de cada povo poderia ser acelerado ou adiado em função do comportamento ético dos indivíduos que o compõem. (CATROGA, 1998, p. 97).

Dessa forma, o herói romântico tem sua alma apontada para o Universal, num destino trágico, e por esse motivo, sua existência como um todo acaba sendo alvo do embate entre finito e infinito. No caso do romance histórico de Herculano, Eurico possui sentimentos mais sinceros e intensos que os outros homens e, portanto, vive uma vida completamente deslocada de uma realidade medíocre e mundana, pautada pela dor, abnegação e infelicidade, mas única capaz de suportar todos os encargos do sublime.





## Referências

- CATROGA, Fernando. “Cap.2 – Alexandre Herculano e o Historicismo romântico”. In: CATROGA, Fernando; MENDES, José Maria Amado; TORRAL, Luís Reis. **História da História em Portugal (Séculos XIX – XX) – Volume I (A História através da História)**. Coimbra: Temas e Debates Atividades Editoriais, Lda, 1998.
- FALCON, Francisco José Calazans. “Historicismo: Antigas e Novas Questões”. In: **História Revista** (*Revista do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História*). Goiânia, 7 (1/2), jan./dez. 2002, p.23 – 54.
- HERCULANO, Alexandre. **Eurico, O Presbítero**. 1ª edição de 1843 no *Panorama*, 1ª edição em volume de 1844, São Paulo: Editora Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Eurico, O Presbítero**. 1ª edição de 1843 no *Panorama*, 1ª edição em volume de 1844, Edição crítica dirigida e prefaciada por Vitorino Nemésio. Notas e apêndices estabelecidos por Maria Helena Lucas. Glossário Árabe de David Lopes, revisto por Joaquim de Abreu Figanier. **O Monasticon – Tomo I**, Lisboa: Livraria Bertrand, 39ª edição, s/d.
- \_\_\_\_\_. “Cartas sobre a História de Portugal”- *Revista Universal lisbonense*. 1ª edição de 1842. In: Alexandre Herculano. **Opúsculos – (Tomo V) – Controvérsias e Estudos Históricos (Tomo II)**. 5ª edição. Portugal: Livraria Bertrand, 1ª edição de 1881, s/d.
- \_\_\_\_\_. “A Velhice”. In: *Panorama*, nº 170, 01/08/1840. *Scenas de um Ano de Minha Vida e Apontamentos de Viagens*. Coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio. Lisboa: Editora Bertrand, 1934. Referência obtida do livro de Maria de Fátima Marinho. **O Romance Histórico em Portugal**. Porto: Editora Campo das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **História de Portugal – Introdução**. 1ª edição de 1846. Lisboa: Ulmeiro, 1980.
- LOWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia – O romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995
- MACEDO, Jorge Borges de. **Alexandre Herculano – Polémica e Mensagem**. Prêmio de Ensino Alexandre Herculano 1977/78. Portugal: Livraria Bertrand, 1980.
- MARINHO, Maria de Fátima. **O romance histórico em Portugal**. Porto: Ed. Campo das Letras, 1999.
- MIRANDA, José Américo. “Romance e História”. In: Maria Cecília Bruzzi Boechat; Paulo Motta Oliveira; Silvana Maria Pessôa de Oliveira (Orgs.). **Romance Histórico em Portugal (Recorrências e Transformações)**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Centro de Estudos Portugueses, 2000.



NUNES, Benedito. “A Visão romântica”. In: GUINSBURG, J.(Org.). **O Romantismo**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.

OLIVEIRA, Paulo Motta. “Alexandre Herculano: malhas da história, armadilhas da ficção”. In: Maria Cecília Bruzzi Boechat, Paulo Motta Oliveira, Silvana Maria Pessôa de Oliveira. (Orgs.). **Romance Histórico (Recorrências e Transformações)**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, Centro de Estudos Portugueses, 2000.

PEREIRA, B. Capelo. “Verbete: Herculano”. In: BUESCU, Helena Carvalhão (Coord.). **Dicionário do Romantismo Literário Português**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1997.

SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. Portugal: Porto Editora, 1975.

SARAIVA, António José. **Herculano e o Liberalismo em Portugal**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

